

# Universidade Católica quer primeira faculdade a funcionar em Agosto 1995

5.ª. Jb 21/3194

A Universidade Católica Moçambicana (UCM) quer inaugurar a sua primeira faculdade em Agosto de 1995, mas precisa urgentemente de meios para arrancar, pois está «paralisada», porque a Igreja Católica local «não se dispõe de boas condições financeiras».

O ponto da situação foi feito pelo padre Francisco Pôncio, que coordena a criação pela Conferência Episcopal da primeira instituição privada de Ensino Superior de Moçambique.

O clérigo italiano disse ter recebido promessas de ajuda para os estudos de projecto iniciais nas Fundações Gulbenkian, do Oriente e Luso-Americana e da Cooperação Portuguesa, durante uma deslocação a Portugal, em que visitou aquelas instituições acompanhado de S. José Policarpo, reitor da Universidade Católica Portuguesa (UCP).

A longo prazo, para resolver os seus problemas de financiamento, a UCM quer constituir a «Fundação D. Sebastião Soares de Resende», com um estatuto internacional, para satisfazer os gastos correntes com professores, bolsas e investigação.

O modelo seguido será o da Fundação «Giuseppe Toniolo», que proporcionou o nascimento da UC Italiana.

Já existem indicações de que as conferências episcopais italiana e portuguesa poderão vir a contribuir para essa fundação, através do patrocínio de cadeiras, deu a saber o padre Pôncio.

O objectivo da UCM é lançar em Agosto de 1995 na cidade da Beira as faculdades de Ciências da Saúde e de Gestão (ou Microeconomia), mas os responsáveis também gostariam que na mesma altura pudessem estar a funcionar mais duas faculdades, Direito e Ciências da Educação, em Nampula.

A fixação destas datas foi feita numa reunião da Conferência Episcopal Moçambicana a 11 de Janeiro último.

## FACULDADES NÃO ERAM A PRIORIDADE

«Não eram, as faculdades prioritárias» — reconhece o padre Francisco Pôncio.

Agronomia tinha a preferência das autoridades moçambicanas, nomeadamente do governador de Sofala, Francisco Masquil, e das Comissões Regionais Consultivas de Sofala e Nampula.

Mas para a criação do Curso de Agronomia «com qualidade» não foi possível obter o apoio da UCP, que desde o princípio tem estado envolvida na formação da sua congénere moçambicana.

A recolha de apoios tem sido uma das principais preocupações dos responsáveis pela UCM.

Mas Francisco Pôncio é muito veemente na afirmação de que a Igreja Moçambicana, «uma igreja com poucas condições», «não está em competição» com outras instituições para a recolha de fundos para o seu apoio educativo.

A Universidade

Eduardo Mondlane (UEM) debate-se com uma aguda crise financeira, tendo recebido para 1994 do Orçamento de Estado o mesmo que no ano anterior, quando o metical perdeu o valor desde então metade do seu valor.

Nos meios universitários corre que isso se deveria à intenção do governo de financiar a UCM, mas o padre Pôncio nega que o executivo moçambicano vá financiar as actividades do novo estabelecimento de ensino.

A Universidade Católica de Moçambique não quer obter meios das fontes usadas pela Eduardo Mondlane, mas sim de fontes que não lhe seriam acessíveis, nomeadamente católicas, vincou o clérigo italiano.

Os bispos moçambicanos decidiram mesmo «que não querem qualquer dinheiro» proveniente do Governo de Moçambique, que aliás não fez qualquer promessa nesse sentido, segundo disse.

O padre Pôncio admite que a UCM se possa dirigir a algumas instituições internacionais e governos que prestam igualmente auxílio ao executivo moçambicano.

Mas pretende fazê-lo apenas para recuperar instalações que lhe foram devolvidas pelo estado e cuja degradação não é da sua responsabilidade. «É uma questão de justiça» — frisou.

A UCM quer colaborar com essas instituições de Ensino Superior moçambicano «para alcançar o mesmo objectivo que é a formação de profissionais locais e competentes, comprometidos com o desenvolvimento e o bem-estar do seu povo».

A Universidade Católica de Moçambique pretende também ser «um fórum qualificado para o diálogo com todas as religiões, culturas e ideologias do país», disse o padre Pôncio.

## O OBJECTIVO NÃO É SECTÁRIO

«O objectivo não é sectário, é católico no sentido universal» que é o significado desta palavra de raiz grega, referiu.

O padre Pôncio nega também que o projecto da UCM tenha como alvo sectores privilegiados da sociedade moçambicana.

«Um rapaz por ser pobre não deve ser privado da possibilidade de estudar, mas quem pode pagar deve pagar» — sustentou.

Para o seu projecto, a Igreja Católica Moçambicana tem de reconstruir os vários edifícios

(Cont. na pág. seguinte)

# Universidade Católica de Moçambique

(Cont. da pág. anterior)

que lhe foram desenvolvidos pelo estado, que tinham sido nacionalizados depois da independência.

«As construções estão delapidadas e precisam de reabilitação e modificação para servirem às novas funções» — disse ainda o clérigo.

Na Beira recebeu o antigo Colégio dos Maristas, o ex-Colégio de Nossa Senhora dos Anjos (ultimamente Escola Militar da Beira) e o antigo Instituto Agrário de Lamego.

Em Nampula recuperou o ex-Colégio Vasco da Gama (actual Escola 1.º de Maio) e o antigo Colégio de Nossa Senhora da Vitória, que ul-

tivamente servia de Casa da Cultura.

## 510 MIL DÓLARES PARA REABILITAÇÃO E MODIFICAÇÃO

«Precisamos urgentemente de ter dinheiro para fazer os orçamentos e planos de reabilitação e modificação», enfatizou o padre Pôncio, que calcula em 510 mil dólares as necessidades financeiras para o arranque.

Além dos estudos de projecto, esse dinheiro destina-se também a criar gabinetes em Nampula, Beira e Maputo, dotá-los de equipamento de escritório, pessoal em tempo inteiro e meios de transporte.

Só com esses estudos

a UCM poderá candidatar-se a fundos do Banco Mundial, União Europeia e governos europeus.

As três fundações lusas e a Cooperação Portuguesa, que se propõe coordenar a participação portuguesa, prometeram dar a sua contribuição, mas até agora «nada se encontra escrito», segundo o padre Pôncio.

Em Portugal, o clérigo italiano inteirou-se também do trabalho já efectuado pela UCP para apoiar o trabalho pedagógico da futura UCM, depois que D. José Policarpo visitou Moçambique no ano passado.

«Não temos pessoas qualificadas para ensinar, precisamos de do-

centes do exterior», advertiu o padre, que sublinhou ser a cooperação com a UCP uma garantia de qualidade do futuro ensino.

Segundo ele, a UCP do Porto, organizou já quatro comissões que vão identificar os professores portugueses disponíveis para leccionar em Moçambique, preparar os currículos dos cursos e definir os conteúdos das disciplinas.

A UCP vai também dar a sua assistência na preparação de bibliografias básicas para cada curso e angariar os fundos para se ter um número de textos adequados a serem enviados para a biblioteca da UCM.